

COMUNICAÇÃO E CONHECIMENTO INTERDISCIPLINAR

Vianney Mesquita (*)

*“Se um objeto muda sem cessar, não
pode jamais ser conhecido.” (Platão)*

1 — INTRODUÇÃO

Há, pelo menos, duas questões a se discutir — quanto mais amiúde, melhor — com respeito ao relacionamento interdisciplinar. Primeiro, cumpre evidenciar a importância que modernamente assumem a horizontalidade e as “grandes conexões” da ciência. É que estão redimensionados os limites, o princípio/fim de cada um dos ramos do conhecimento. Isto é, pensamos não mais existir aquela departamentalização didática rigorosa dos diversos campos disciplinares. A ciência parece estar se reencaminhando para convergir até a Filosofia, de onde, aliás, divergiu, há tempos bastante passados. Estão desaparecendo os segmentos e sendo obedecida a reta inteira, numa constante relação de interdependência, para o exercício dos diversos momentos da investigação.

Em 1932, JASPERS, com base em LAHR, dizia não existir o saber particular. Conforme a velha e sempre respeitada Escolástica, é impossível individualizar tudo, reunindo pormenores e circunstâncias: *non datur scientia de individuo*.

“(...) se a ciência tivesse por objeto o particular, como sua missão essencial é de explicar e definir, e como, de outro lado, não existem em toda a natu-

(*) Professor do Dept.º de Comunicação Social e Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará. Jornalista.

reza dois seres nem dois fatos absolutamente idênticos, a ciência deveria formular tantas leis e definições quantos indivíduos e fatos particulares existem. — Tarefa tanto mais absurda, quanto é impossível definir um só. Impossível reunir numa definição, formular em uma lei a infinidade de pormenores e circunstâncias particulares que constituem o ser ou fato individual. *Omne individuum ineffabile...*, (1) o todo individualizado é inexprimível.

Já noutro torneio, estreitando o sentido de ciência, DE VRIES a conceitua como:

“um corpo de doutrina, metódicamente formado e ordenado, que constitui um ramo particular do humano saber.” (2)

Mas aduz:

“O desdobramento dos objetos do saber levou a uma progressiva *especialização* das ciências, com subsequente risco de restringir a visão a um reduzido domínio técnico e de se perder de vista as grandes conexões da totalidade do ser”. (3)

O outro ponto, crucial e indescartável, situa-se na necessidade de se conceber, não sem perigo de erro, um universo vocabular próprio para cada saber.

Em vista disso é que, não apenas o posicionamento ante a obrigatoriedade do intercâmbio disciplinar deve ser mais refletido, senão também tem de ser avigorado o processo sistemático de adequação e, até, de criação dos léxicos. Mesmo com o risco do confronto e da inadequação da linguagem emprestada, do tomador com o credor, o desenvolvimento teórico e prático da procura científica precisa ser incansavelmente debatido.

Por conseguinte, estas questões são postas em circulação entre os estudantes, a fim de que tenham o ensejo de levantar dúvidas e sugerir para enriquecimento do tema.

-
- (1) JASPERS, O.S.B., D. Ludgero — *Manual de Filosofia*, 6 ed. Melhoramentos, São Paulo — Caieiras, Rio de Janeiro, 1932.
 - (2) DE VRIES — *Ciência*, IN: BRUGGER, Walter — *Dicionário de Filosofia*, trad. Antº Pinto de Carvalho, 2, ed, São Paulo, Herder, 1969.
 - (3) *Idem idem*. O segundo grifo é nosso.

De caso pensado não indicamos, nesta reflexão, *como*, em que nível se efetua a vinculação dos diversos ramos do conhecimento com a comunicação, exatamente com a finalidade de estimular a consulta dos alunos à literatura existente, exercitando suas habilidades e os conduzindo a ingressar conscientemente neste debate, até sua relativa exaustividade.

2 — CONHECIMENTO INTERDISCIPLINAR

Com a universalização do conhecimento e o conseqüente acesso dos estudiosos e curiosos aos diversificados ramos do saber, parece não mais haver, *grosso modo*, aqueles rígidos perímetros que inscreviam, tempos atrás, os diversos lineamentos disciplinares, a não ser para efeito didático.

A ciência — extensiva, horizontal e encadeada — serve-se de toda a gama de informações e realidades, buscadas e encontradas com o rigor dos procedimentos metódicos que lhe devem ser próprios, para justificar, demonstrar e explicar os fatos. Estes, oriundos do conhecimento não unificado, partidos do uso do bom senso, tiveram como resultado a *verdade*.

Não é se dizer, evidentemente, seja essa verdade definitivamente certa, na forma final, intocável e absoluta, inquestionável, pois passível de ser revista na constância do longo curso das investigações.

Arrimados nessa temporariedade presumida do fato científico, na relatividade da sua certeza, os diversos sub-ramos da experiência de saber acumulado, com referência especial àqueles ligados à vida social (difícil, senão impossível, dissociar, do social, qualquer disciplina), interpenetram-se sem respeitar os limites que a didática "ultrapassada", teve de traçar para dar melhor trabalhabilidade ao ensino, mormente nos seus níveis mais elementares. Aqui o ensino acha de considerar um conhecimento estanque, como se as certezas relativas da ciência não dependessem umas das outras para continuidade ao processo da procura e alcance do saber a que Herbert Spencer chamou de *parcialmente unificado*.

Desta forma, visualizando o ponto gnosiológico e preterindo mas não desprezando — as sistematizações da didática para o elementar, reconhecidamente válida e eficaz para suas proposições, é que numa linha de discurso, repetimos, epistemológico, nos é vedado, por exemplo, examinar a Química no seu geral, sem a interveniência dos fenômenos da Física, da Matemática, da Lógica e, também, da Biologia.

Não existe um "aqui termina a Matemática". Tampouco se cogita em um como "aqui tem começo a Física".

É a nós defeso riscar um desenho mesmo simplificado da Economia sem que se possuam referenciais extraídos da História. Extremamente difícil, senão inexequível, será a análise profunda de um paciente nervosamente desordenado, se não tivermos notícias das suas procedências genéticas, encadeadas com informações sobre seu passado e presente sociais, seu desenvolvimento antropológico — físico quanto etnológico —, suas relações com o poder e com o Estado, e por diante.

Há, noutro exemplo, extrema dificuldade em identificar a que área do conhecimento se vinculam, algumas questões da vida social dos indivíduos e grupos humanos, se à Etnologia (Antropologia Cultural), à Sociologia ou à Psicologia Social. O mesmo ocorre com a Física, a Eletrônica e Biologia, na consorciação desses três saberes para o estabelecimento da Biodinâmica (teoria das forças vitais), da Biofísica (processo biológico por meios físicos), ou da Biônica (Biologia + Eletrônica).

Modernamente, todavia, são questões de somenos. A Didática já se adaptou a esta exigência científica e o busílis não é mais este da limitação disciplinar.

Um problema, contudo, facilmente eludível se paciente-mente acordado entre os estudiosos, é aquele atinente ao léxico que cada uma das disciplinas subsume. A questão da terminologia, de uso "particular" de cada ciência, ramo ou subramo merece realmente a atenção de quem pesquisa, relata, estuda e publica. Há univocidade nos conceitos em ciência, e este é outro óbice que a Didática precisa ajudar a remover, particularmente no que concerne ao saber sobre o social.

A língua portuguesa, na sua riqueza polissêmica, é, entretanto, muitas vezes sincrítica, o que ajudaria bastante caso a ciência corresse somente nos países de língua lusa.

O vocábulo *unívoco*, por exemplo, possui duas acepções absolutamente antitéticas e paradoxalmente antinômicas: 1) "que se aplica a muitas coisas do mesmo gênero e da mesma ou diferente espécie"; 2) "que só admite *uma forma* de interpretação; homogêneo, unísono ou homônimo". (4)

Ora, na sua universalidade a ciência parece adotar a segunda conotação, o que coloca em *snooker* os sistematizadores

(4) BUARQUE DE HOLLANDA, *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Nacional, São Paulo, 1972.

de ramos recentes do conhecimento, "em confronto... com as óticas entrincheiradas das disciplinas acadêmicas já consagradas". (5)

Vai valer, então, aqui, a engenhosidade de cada qual ao operar a máquina das adaptações. Muitas vezes será, infelizmente, necessária a criação de neologismos, do que a Gramática, também científica, não pode gostar... Mas acabará por aceitar e, naturalmente, adotar, mesmo em detrimento da pureza lingüística a que o português é afeito.

"Será necessário mais do que metáforas oportunas ou criativas: os conceitos velhos adaptados ou novos criados deverão se ajustar à realidade que pretendem descrever" (...)
"Em suma, a visão interdisciplinar deverá dispor de uma linguagem adequada", (6) uma espécie de Esperanto da ciência em geral, o que é bastante factível.

Solucionado o problema, até mais complicado, dos limites e do aparelhamento conceitual dos diversos saberes, a composição dos léxicos parece se constituir seqüela natural do processo.

3 — COMUNICAÇÃO E DEPENDÊNCIA INTERDISCIPLINAR —

Algumas Conclusões

Já tratadas aligeiramente no item anterior, as mesmas posições, porém, nos cumpre fazer, aqui também, relativamente à comunicação: o caso da limitação de objetos materiais e a tese da univocidade e adaptação de léxicos conceituais.

Ramo do saber empiricamente antigo e cientificamente novo, a comunicação veio tomar ares de sistema investigado, com maior vigor, depois da Segunda Guerra Mundial, conquanto diversos estudos sistemáticos de fatos, instrumentos e aparelhos, que compõem hoje o seu universo de utilização e pesquisa tecnológica em franco desenvolvimento, já se houvessem realizado a partir dos começos do Século XIX, sem delimitar, por impossível, um marco de início, seguramente distante, no tempo, dos primeiros sucessos práticos.

De 1940 a 1950 — faz notar MORIN — a sociologia das comunicações de massa, calcada no célebre estudo do paradigma para orientar a apreciação científica dos variados aspectos

(5) EPSTEIN, Issac — Desafios da interdisciplinariedade. *Rev. Intercom*, 56, São Paulo, 1987.

(6) Idem ibidem.

tos da comunicação coletiva, proposto pelo cientista político Harold Lasswell, (7) já se constituía no ramo mais original da Sociologia nos Estados Unidos da América do Norte, (8) o que corrobora a preeminência do seu estudo teórico adrede como significativa novidade no campo das disciplinas sociais.

O relacionamento interdisciplinar da comunicação — deixando de arrolar fases e fatos da sua recente história científica, de fácil acesso bibliográfico, — é tão flagrante que se poderia deixar de referir, na pressuposição de que a referência fosse trivial.

É conveniente e útil, contudo, ressaltar as relações da comunicação com diversas disciplinas do elenco das ciências, para demonstrar a enorme interdependência guardada reflexivamente.

Quase toda a grade conceitual da comunicação é montada sobre a terminologia das ciências sociais, o que voltaremos a comentar logo mais.

Examinando o primeiro caso, respeitante ao ilimitado campo de abordagem de cada disciplina, fácil será conexas a comunicação à maioria das ciências. (9)

Liga-se à Física quanto à Química e à Biologia; vincula-se extraordinariamente à Estatística e à Lógica; une-se, frequentemente, ao Direito e à Ética, à Economia, à Ecologia; incursiona permanentemente pela História e, com freqüência, visita e é visitada pela Geografia; constitui-se a própria essência da Informática e traz, usualmente, à colação fórmulas e compreendimentos da Matemática; está, em muitos passos, umbilicalmente ligada à Psicologia; não pode ser dissociada da Estética, nem das Artes, nem das Letras, nem da Poética; integra a Lingüística e adjetiva a Semiótica.

(7) Segundo Lasswell, o exame científico da comunicação se baseia nos seguintes itens:

- *quem* = fatores que iniciam e guiam o ato da comunicação. O estudo do “quem” implica numa *análise de controle*;
- *diz o quê*, igual a uma *análise de conteúdo*;
- *em que canal* — meios interpessoais ou de comunicação coletiva — implica numa *análise dos meios*;
- *a quem* — pessoas atingidas por esses meios — *análise da audiência*;
- *com que efeitos* — impacto da mensagem sobre a audiência = *análise do efeito*.

(8) MORIM, Edgard — Novas correntes no estudo da comunicação de massa, IN: *Cultura e Comunicação de Massa*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1972.

(9) As ligações deverão ser procedidas pelo estudante, que poderá, inclusive, aumentar o número de relações com outras disciplinas não mencionadas no artigo.

A comunicação é, enfim, a utilização da ciência em prol do escambo sógnico social, espécie de cadinho onde se funde a língua que a Humanidade usa para tocar o progresso e acunular a cultura.

Com relação ao segundo caso — adequação da linguagem — não é muito difícil a construção lexical da comunicação, porquanto veste a roupa conceitual da Sociologia, de nomenclatura e terminologia unívocas aceitas pela comunidade científica internacional, naquilo que pertine ao estudo dos ingredientes sociais.

Ao mesmo tempo, fala e escreve as línguas das várias ciências do natural, do físico e até do sobrenatural, de que se utiliza, sem muitas queixas das "ópticas entrincheiradas". (10)

Tal hibridismo léxico propiciou a formação de um já significativo glossário próprio de termos e expressões originadas de diversas línguas, glossário em uso e no banco, a fim de complementar palavras e enunciados tomados a outros universos vocabulares, que ajudarão a extinguir aquelas pouco consentâneas "metáforas criativas" divisadas pelo Dr. Isaac Epstein. (11)

Em assim sendo, continuam os ensaios de comunicação, pelo seu próprio universo conceitual lingüístico, e através de um verdadeiro "contrato de comodato" com a terminologia científica, advéncia mas afim, a chegar a patamares dignos e a resultados excelentes na discussão, no debate e na explicação das suas descobertas e funções na qualidade de componente da ciência.

(10) EPSTEIN, Isaac — *op. cit.*

(11) *Idem idem.*